

Mais ainda: todos os animaes, tanto os que forem destinados ao matadouro como aquelles que entrarem em Lisboa para trabalho, tudo tem de passar pelo mercado, o que fatalmente ha de produzir grandes embaraços, e despezas de fretes e outras que encarecem o gado.

O resultado de tudo isto, é encarecer a carne que já em Lisboa é mais cara que em Paris!

E' este o resultado unico.

O municipio, o publico e o thesouro municipal não lucram absolutamente nada. O conluio escandaloso dos marchantes, passa ainda a ser mais funesto nas mãos dos concessionarios do mercado, aos quaes a camara cercou de privilegios que ella nem tinha alçada para conceder porque constituem um attentado flagrante contra a liberdade do commercio.

Quem lucra, quem está esfregando de contente as mãos, são os concessionarios. Esses recebem noventa por cento de um imposto novo lançado sobre a carne, que vae ser violentamente extorquido aos consumidores para gaudio dos srs. Pereira Lima & Socios.

Em presença de factos d'esta ordem, perguntamos nós a quem nos ler se será licito acreditar que ladroeiras d'este quilate sejam toleradas de graça?

Não pôde ser.

Traficancia de tal magnitude só se fazem por dinheiro, por muito dinheiro.

* * *

A camara municipal de Lisboa— que se precisava do mercado devia fazel o e exploral-o de conta propria com honestidade— mandou annunciar que para evitar a elevação do preço da carne contava que bastasse a instituição dos talhos municipaes que ha muito existe.

Mas isto é um cumulo de troca!

Pois não sabe toda a gente que os talhos municipaes vendem a carne muito mais cara do que os talhos particulares e que ainda assim dão um deficit enorme á camara por causa dos escandalos verdadeiramente epicos da sua nefasta administração?

Se não fôra a concorrência dos talhos particulares, a carne podia ainda subir na media das classes 40 réis em kilogramma, que os talhos municipaes nenhum serviço prestariam ainda ao publico.

E o mesmo ha de succeder se fôrem montadas padarias municipaes.

A vagabundagem eleitoral pode lucrar com isso.

E' mesmo de crer que no palacio do largo do Pelourinho se encontre nas padarias mu-

nicipaes mais um pretexto para se fazer outro negocio como o do mercado dos gados.

O publico é que ha de lucrar com essas padarias o mesmo que está lucrando com a escandalosa e immoralissima sinecura dos talhos.

Terá de pagar mais o custo d'essa traficancia.

MONUMENTO A FONTES

Um jornaleco que abi se publica com o título de *Novidades*, tem combatido por diversas vezes a erecção do monumento a Fontes Pereira de Mello, considerando o como um **mono**, que vae tirar toda a belleza á Avenida da Liberdade.

E' espantosa e inaudita a petulancia d'este infame jornal, que se atreve a qualificar de **mono** a estatua do illustre caudilho da causa liberal, do cidadão prestante que beneficiou o paiz com milhares de melhoramentos, devido á sua fecunda e vasta intelligencia, e principalmente á sua **muita honestidade**.

Tem muita razão o **nojento jornal** no que afirma!!!!!!

Na Avenida da Liberdade não se deve erigir um monumento ao **mono** como Fontes Pereira de Mello, pois que a sua apothose está feita nos melhoramentos **verdadeiramente collossaes**, com que dotou o paiz.

Na Avenida da Liberdade deve-se erigir mas é uma estatua ao **celebre truão de feira**, ao **ministro corrupto** e ao jornalista que **mercedeja** a sua penna, e que se chama Emygdio Julio Navarro, a fim de que o **Povo** constantemente veja o homem para quem a **honra** é uma palavra **vã** e o **suborno** uma **gloria**.

Homens como Fontes Pereira de Mello não precisam de estatuas para que a posteridade se recorde d'elles com respeito. Os seus gloriosos trabalhos, são o pedestal aonde se assenta o **vulto gigantesco** do saudoso chefe do partido regenerador, e é perante esse trabalho, que o paiz se **descobre reverente**, como para prestar homenagem aos feitos de um **grande heroe**.

Vergonhoso

Temos em nosso poder os nomes de uns cavalleiros, que dizendo-se jornalistas e criticos de

diversos jornaes, teem por costume venderem os seus serviços aos cantores de S. Carlos como pagamento dos artigos que escrevem.

Mais nos consta, que o desfôro d'estes **intrujões** chega a tal ponto, que os proprios artistas se consideram umas perfeitas victimas nas mãos d'estes **ratas** da imprensa, que abusando da confiança que os proprietarios de diversos jornaes n'elles depositam, não teem duvida em por em **almoeda a penna** que todo o jornalista serio deve conservar independente como braço da sua muita respeitabilidade.

Previnimos, pois todas as redacções dos jornaes da capital para que tomem em consideração esta pequena local, evitando que de futuro uns **quidans e intrusos** desauthorizem uma instituição **digna** como é a **imprensa**.

O fornecimento da agua em Lisboa

O celebre ministro que no Luso levantou o famoso pendão de igzominia que no futuro ha-de perpetuar a memoria da repugnante administração ou dissipação progressista, acaba de fazer com a companhia das aguas um contracto por via do qual esta empresa embolsa 80 contos de réis por anno, que serão pagos com o dinheiro dos contribuintes para que a companhia continue a abusar do publico como tem abusado até aqui.

Pode, pois, o excelso ministro comprar mais uma carruagem e encomendar para Smyrna mais tapetes ricos.

Este contracto que já tresanda a grosso escandalo, apezar de ainda não ser conhecido nos seus detalhes, **deve ter-lhe deixado farta gorgeta**, pois que negociando com tal Catão, o administrador-mór da companhia das aguas certamente não hesitaria em sacrificar uns milhares de libras para, á custa do thesouro publico endireitar as finanças da empresa que tão desastrosamente tem administrado.

O sr. Marianno de Carvalho, e depois a sr.^a condessa d'Edla e depois o sr. Hersent, além de outros, ensinaram a todos como é que se negocia com o sr. Emygdio Navarro quando estiverem em jogo os interesses publicos.

Por dinheiro o excelso patriota subscreve a tudo...

O governador civil de Aveiro

Por não ter apparecido quem queira de boa vontade ir sentar-se na cadeira que o chefe immundo dos caceteiros de Ovar tem sujado no governo civil de Aveiro, ainda a formosa cidade do Vouga continua a ser dirigida pelo miserando reptil que o rapasio tem apupado e ao qual ninguem que se prese desce a estender a mão.

Quando logrará o povo aveirense ver expulso da sua terra o caloteiro de profissão, o galopim sem brio e sem honra que tanto o tem vexado?

O sr. José Luciano que não soube a tempo resolver esta grave questão, vê-se hoje em dificuldades.

E' justo esse castigo. E a consequencia logica do seu temperamento rancoroso e do feitio do seu espirito propenso á torpeza. Não se fizesse cumplice da malandragem de Aveiro. Não recrutasse o seu delegado em Aveiro nas ultimas camadas da mais vil escoria social.

Fusão das companhias de iluminação a gaz

Podem faltar no vocabulario portuguez palavras sufficientemente duras e cruéis, para se verberarem grandes escandalos.

O que não falta na historia de todos os dias é uma nova patifaria a registrar, um novo crime a julgar ou uma nova ladroeira para ser sujeita ao escarpello da critica, já um tanto cançada como o espirito publico de fazer sempre recahir a sua analyse sobre as proezas da ladroagem que em 13 de setembro de 1884 se constituiu em sociedade que tem a sua caverna alli para os lados do Caes dos Soldados.

No numero anterior demos ao publico a novidade de que o grande capitalista do *chalet* do Luso comprou por 27 contos de réis a propriedade do *Jornal da Manhã*, do Porto.

Hoje podemos dar-lhe uma outra não menos interessante:

—Vão fundir-se as duas companhias de iluminação a gaz, pagando a antiga 6 nova trezentos e tantos contos de acções beneficiarias e indemnizando-a por todas as despesas feitas!

Eis aqui está o epilogo da celebre questão do gaz, epilogo que só não podia prever quem tomasse a serio toda essa santa historia do gaz que não teve outro fim que não fosse trocar mais de 300 contos de accões beneficiarias por mais de 300 contos em boas e sonoras libras!

Quando parte do publico viu a chamada companhia nova a estender e enterrar material em muitas ruas acreditou que o caso era serio e que realmente iam ter duas companhias de illuminação a disputarem a preferença do consumidor.

Esquecer-se de que isso não passava de uma ameaça destinada a apressar a conclusão do escandaloso negocio, e que a chamada companhia nova quasi se enterrou material nas ruas onde a companhia velha o não tinha ou onde precisava de o substituir.

Vad pois fazer-se a escandalosa e previstar fusão das duas empresas.

Mais tarde veremos que papéis representaram em tudo isto os sr. Marquês de Carralho e Fernando Palha.

Leviandades

Fuzo das companhias de Noticias, do Porto, esquecendo-se por vezes do respeito que se deve a imprensa, principalmente ao que se refere a imprensa de outro paiz a entreter o indigena com a publicação de uns artigos asmaticos, que só servem para desautorisar os jornaes, que, na publicação, e de desregrido para o partido em que se dizem estarem filiados.

Lamentamos profundamente os leixianes artigos que estes dois collegas ultimamente se publicaram, e que elles comprehendendo bem os seus deveres não entenderam a praticar accões que só se pôde attribuir a ignorancia e a falta de disciplina partidaria.

Se as noticiões dos referidos jornaes lhe não conyem a politica regeneradora, tem ao amplexo direito de se desligarem d'ella, mas o que não podem é continuar a proceder de uma forma bem pouco correcta em partidarias serios e dignos como sem duvida o são os cavalheiros que fazem parte d'aquellas redacções.

A imprensa regeneradora cabalhe o direito de fiscalisar os actos do immoral governo, que se acha á frente da administração publica, mas o que não pôde é estar a defender os seus conyugionarios e a obstar a illuminação e a regeneração.

Por hoje basta.

A COMPANHIA DE JESUS

CAPITULO XIII

Da eleição que se deve fazer dos rapazes para se admitirem na companhia e do modo de os conservar.

(Continuação)

Porque se lhes sobrevier alguma tentação de retractar-se, tanto elles como a companhia sempre terão occasião de praticarem o que quizerem, e se voverem esta tentação, haverá sempre oportunidade de os acceptar, trazendo-lhes á memoria quanto se lhes tem dito, se isto acontecer no tempo do noviçado, ou depois de terem feito os votos simples.

10 Sendo de maior difficuldade alliciar os filhos dos grandes, dos nobres e dos magistrados, emquanto residem na casa de seus paes, os quaes lhe não se induzem a entrar na companhia, não se hão de succeder-lhes em seus empregos, devem antes capacital os por amigos, do que por pessoas da companhia, a quem se não ha de ir para provincia, ou a distantes uns e outros, mas os paes os nossos ensinam, depois de terem mandado instrucções aos professores acerca das suas qualidades e caracter, a fim de que estes obtenham sem affecto a companhia, e com mais facilidade de a escolher, e obtaoq osom do qual se hão de ingressar na mesma, mais malha, ser preciso indultar-lhes a fazerem alguns exames espirituaes, os quaes se repetidas vezes, e de malha zide bem exito entre os dilectos, e pelescos, e a malha. Seria necessario consolal os pastores, máguas, conferral os, character de cada um, empregando advertencias, e particulares exhortações sobre os seus defeitos, que se faz das riquezas e de não se desprezar a felicidade de uma vocação, e sobre de os pontos de infirmitade e de malha.

13. Aos paes, e ás mães, para mais firmemente se conselhearem com os seus filhos, a estes se podiam entrar na companhia, e indiqzeta a regredir de sua infirmitade, e conserval os com os sh-tras) quando a assantidade em a estudar dos resgos padras, e sua reputação em tolo, e o hndes, a honra de se applicar ao universal, que nos os grandes e dos poquinos. Eagam-lhe uma reglagã das iprib-esse, e dos grandes, que em ab mojar, e satisfagã viveram n'esta companhia de Jesus, e estas morte-ram, e ainda hoje vivem. Que lhes dêem a conhecer, quanto é agradavel a Deus, que se presyos moças, se dediquem a elle, principalyente na companhia de seu filho, e quanto é bom que seu homem tenha supportado o jugo de Sopher na mocidade.